

**DESTA TERRA  
NADA VAI SOBRRAR,  
A NÃO SER  
O VENTO QUE SOPRA  
SOBRE ELA**

**Ignácio de Loyola Brandão**

Romance

**global**  
EDITORA

*Para minha geração tão unida e solidária. Chegando ou chegada aos oitenta anos: Affonso Romano de Sant'Anna, Antonio Pitanga, Antônio Torres, Bernardo Kucinski, Eduardo Alves da Costa, Flávio Tavares, Jô Soares, Luis Fernando Verissimo, Marco Antonio Rocha, Marina Colasanti, Menalton Braff, Nélida Piñon, Paulo José, Raduan Nassar, Sérgio Fenerich, Silviano Santiago, Thomaz Souto Corrêa, Zé Celso e Zuenir Ventura.*

*E também para os que partiram, Edla van Steen, Hugo F. S. Fortes, João Antonio, Luis Ernesto do Vale Gadelha e Moacyr Scliar.*

“As balas que passavam, raras...

Ninguém as percebia mais... como não impressionavam os tiroteios fortes que ainda surgiam...

A vida normalizara-se naquela anormalidade.”

Euclides da Cunha, *Os sertões*, “Nova fase da luta”.

“Nasci em um mundo, me desenvolvi em outro,  
e agora estou neste terceiro, que não compreendo,  
do qual não sou parte.”

Antonio Candido. Citado por sua neta Maria Clara Vergueiro, *Folha de S.Paulo*, 20/5/2017.

*A comissária-chefe, voz calma, avisa: As portas deste país foram fechadas com atraso de três séculos e meio devido a falhas operacionais e também por motivos técnicos alheios à nossa vontade, já que tais serviços estão entregues a equipes terceirizadas.*

**ATENÇÃO, PASSAGEIROS:  
AFIVELEM OS CINTOS!  
VAMOS ATRAVESSAR  
ÁREAS DE  
EXTREMA INSTABILIDADE  
E  
VIOLENTAS  
TURBULÊNCIAS.**

*Organização Internacional classificou os países mais felizes do mundo. Estamos em 22º lugar em um ranking de 155 nações, sendo que os primeiros lugares couberam à Noruega, Dinamarca, Islândia, Suíça, Finlândia. O Ministério das Transcomunicações Especiais e Confidenciais divulgou o resultado por todas as mídias, acrescentando: “Como ser feliz em países tão gelados? Somos felizes até no clima.”*

\*

Clara olha para o pulso, diz com a voz fuzilando: “Felipe”, o celular, um chip minúsculo encravado sob a pele, dá sinal de ocupado. Tenta quatro, cinco, treze vezes. Felipe atende.

## **Entenda, Felipe, acabou!**

- Clara, estou a caminho. Meu celular estava descarregado...
- Celular descarregado? Em que mundo vive? Teu celular tem quinhentos anos, ainda é levado no bolso.
- Em cinco minutos chego.
- Não precisa mais, Felipe.  $4 \frac{3}{4}$ . Dois milionésimos de beijos para você.
- O quê? Nada disso. Dez milhões de beijos para você.
- Que nada.  $3 \frac{3}{4}$ . Liguei cem vezes. Cem. Acabou.

- Hein? Acabou? O que acabou?
- Tudo entre nós.
- Acabou tudo entre nós? Não diga isso, Clara! Pirou?
- Fim! Já era hora.
- Nem pensar, estou a caminho, segure as pontas.
- Segurei por nove anos. Não dá mais.

*Fatos do passado remoto, sempre revividos.  
Hora do rush. No metrô, o homem ejaculou  
no pescoço da jovem. Preso, pagou pequena  
multa e foi liberado pelo juiz, que disse: “Ele  
não cometeu ato constrangedor, nem colocou  
o pênis na vagina da denunciante”.*

\*

Câmeras e gravadores acoplados a drones sobrevoam os comboios; câmeras pelas ruas; nas laterais dos vagões; no interior dos automóveis, câmeras com thinking chips capturam pensamentos; devices sensibilizadores em cada poste, cada casa, nas bolsas, sapatos e até em camisinhas gravam. No ar, leve, porém contínuo, sente-se um cheiro que incomoda as narinas, como antigamente sentia-se forte nas imediações do Gasômetro, em São Paulo, cidade cada vez mais deserta, a atmosfera permeada pelos vazamentos da desativada usina de gás. Anônimo transmite pela rede:

## **A passagem do comboio dos mortos**

Numa capital, cujo nome ora me escapa, em uma avenida de dez faixas, ou talvez onze, o trânsito foi interrompido nove quadras antes e quinze após o cruzamento com a ferrovia.

Placa:

*Em três minutos circulará o expresso Corruptela Pestifera. Aconselhamos a fecharem hermeticamente os vidros de seus veículos. O governo não se responsabiliza por contaminações. Em seguida, aguardem com calma e em ordem o comboio dos mortos.*

Felipe sacode a cabeça. Estou atrasado, Clara quer me matar. Tenho que levá-la na conversa. Já não chegam meus problemas? A situação não anda boa, eu devia estar no restaurante. Qual é essa de que tudo acabou? Uma relação não acaba assim. Não tenho como sair daqui agora e ela me pareceu puta da vida. Sei o que ela é quando emputece. Mas veio essa porra de comboio. Os vagões passam e a gente espera. O tempo que for. A caravana leva os mortos por dengue, zika, H1N1, chikungunya, varíola, obesidade mórbida, vertigem posicional paroxística benigna, malária, vaidade, tifo, crack, tatuagens que arrancaram as peles, febre amarela (apesar de, em certa época, o Ministério da Saúde ter feito intensa campanha, exterminando todos os macacos do Brasil; éramos a nação com maior número de primatas do mundo, com 133 espécies. Acabaram com todos, restando apenas macaquinhos de pelúcia para crianças brincarem ou serem colocados no espelinho do para-brisa dianteiro). Havia ainda mortos por silicone aplicado em clínicas clandestinas, câncer, operações bariátricas que retiraram todos os sistemas gastrointestinais, balas perdidas, pessoas assassinadas nos encontros entre os grupos Nós e Eles, nas guerras entre 70 milhões de redes sociais opostas. Com a extinção dos ministérios de saúde, prontos atendimentos e o fechamento de hospitais públicos, nos últimos trinta anos a sífilis, a hepatite e a gonorreia voltaram a ameaçar o país. São



cadáveres recentes, pessoas decompostas, atiradas às ruas durante a noite. Os cadáveres são saqueados por pessoas que usam capacetes de motoqueiros, herdeiros do primitivo movimento Black Bloc e do hoje pré-histórico Hell's Angels. Esqueletos cujas carnes foram devoradas por ratos e animais esfomeados. Moribundos sem esperança, seus parentes preferem se desfazer deles, porque quando morrem em casa não há serviço para levar aos cemitérios e os parentes sofrem sanções pesadas. Há famílias que preferem conduzir seus velhos, doentes, para as longas filas de autoeutanásia.

Os vagões, que percorrem os enferrujados trilhos que serviam os extintos trens de cargas, recebem os corpos que são levados a centenas de quilômetros daqui, sendo entregues aos treminhões que costumavam carregar cana-de-açúcar nas usinas falidas. Para onde? Tente seguir um comboio. Eles rodam continuamente e ainda se pode ouvir aqui e ali o lamento de moribundos que gemem debilmente. É a tentativa dos que se descobrem vivos e imaginam que podem se safar daquela montanha de corpos. Um dos muitos presidentes-fantasmas, como a população os chamava, porque jamais governaram, passou o mandato a se defender de processos, sabe-se lá há quantas décadas, o tempo deixou de ser medido, não tem mais importância. Pois bem, um daqueles presidentes obrigou todos a obedecerem aos preceitos elaborados pelos Comunicadores Aconselhantes, em remotas eras conhecidos como marqueteiros, raça inextinguível:

*Não se entregue ao abismo, trabalhe.*

*Não se deprima, reaja, enfrente.*

*Não tente entender, cresça.*

*Não atrapalhe, colabore.  
Não pense em depressão, acredite no mercado.  
Nossas cidades são belas, pura poesia.  
Para frente, Brasil. Siga.*

Os treminhões exalam cheiro nauseabundo. A população se habituou a carregar máscaras, usadas quando caravanas fecham cruzamentos. Nas laterais, adesivos gigantesco:

*Esta caravana é um empreendimento do governo  
para o bem-estar da população.*

Impacientes, as pessoas buzina, as caravanas demoram. A marcha é lenta, nada pode interrompê-la. Até quando vamos suportar esses trens? Pior são as composições especiais que transportam os mortos pela *Corruptela Pestifera*. A epidemia ocasionada pela corrupção dos parlamentos, do Judiciário, dos ministérios, das secretarias, das confrarias de lobistas, dos doleiros, dos empresários que negociavam leis, provocou uma doença incurável, pior do que o câncer, a gripe espanhola, a peste negra, a aids. Morrem milhares. As pessoas se dissolvem em uma gosma que exige vagões lacrados, semelhantes aos usados para gasolina, óleo diesel, etanol, produtos químicos ou radioativos. Se um vagão radioativo descarrilar e vazar, o efeito será semelhante a Chernobil.<sup>1</sup>

Basta um contato com um corrupto, leve que seja, um sopro ou aspirar sem querer a respiração de um contaminado, para desencadear o processo em que se perdem membros, barrigas explodem, vísceras, cérebros e ossos se liquefazem, olhos saltam, dentes se desprendem das gengivas. Tomar um líquido

em utensílio que tenha sido tocado por um corrupto pode ser fatal, começam os corrimentos, mesmo que se desinfete, seja lavado em água com detergente a temperaturas de mil graus.

A epidemia foi ampliada com a explosão dos esgotos que escoavam a merda, a bosta, excrementos, vômitos, urinas, excreções, dejetos, catéreses produzidas nos órgãos públicos, primeiro na antiga capital federal, depois na segunda, em seguida nas capitais sucessivas e enfim nas cidades comuns. Os esgotos produzem gases tóxicos, fatais. Os mortos são apanhados diariamente e levados para recônditos que ora me escapam ou me considero incapaz de revelar.

As leis que sustentaram as cidades limpas foram extintas pelos que agora se chamam gestores e por pressão das agências de publicidade, pela indústria e comércio. Banners descomunais cobrem fachadas, muros, vitrines: aluga-se, vende-se, passa-se o ponto, entrega do ponto sem luvas, rebaixa total nos aluguéis, nos contratos de locação, você dá o preço que pode pagar, cobrimos qualquer oferta imobiliária. Aproveite, queima total de espaços vazios.

Prisão e mortes marcaram a luta (frágil) da mídia que nada mais investiga, conformada com os contínuos impeachments golpistas, baseados na Constituição, o “livrinho”, como é designado com desdém pelos Astutos. A Novíssima Constituição, em seu parágrafo primeiro, estabeleceu que o termo *político* fosse abolido dos dicionários, textos, discursos, livros, documentos, mídias, teses, manuais. A palavra *político* perdeu o sentido. Passou a ser sinônimo de sicofanta, ímprobo, desonesto, infame, pérfido, falso, mentiroso, sem moral e ética, corrupto, perjuro, mentiroso, bandalho, velhaco, biltre. Em seu lugar, deve ser utilizado o termo *Astuto*, com maiúscula, uma

vez que para fazer leis é preciso sagacidade, juízo, engenho, esperteza, requinte, acuidade de visão, argúcia e acúmen. A palavra *política* pode ser escrita e dita quando significar ciência ou filosofia.

Constituição escrita e reescrita, feita e refeita, parágrafos retirados ou acrescentados, tem hoje 111 mil páginas. Demora anos – ou décadas – para se tomar uma decisão que satisfaça a qualquer corrente. Daí sermos chamados pelo mundo de “país dos eternos descontentes”.

O Ultrassuperior Tribunal, também conhecido como Areópago Supremo, ao qual se recorre em última instância, está localizado em um prédio de granito negro, blindado, sem janelas, sem portas aparentes de entrada ou saída. Os juízes penetram por vias secretas que ninguém conseguiu verificar e igualmente saem por túneis que cada vez desembocam em uma vila, bairro, localidade, cujos nomes agora nos escapam. Vitalícios, apenas se sabe os nomes de tais juízes. Nunca suas fotos, idades, salários, sentenças foram divulgadas – porque cada um está a serviço de um grupo, partido, facção, legenda, empresa, multinacional – e seus computadores são à prova de hackers. Estes afirmam que tais computadores não existem.

**1** Para os que perderam o pé na História da ciência e da humanidade, depois que as pesquisas foram extirpadas com a extinção total do sistema de ensino: Chernobil – maior desastre nuclear de todos os tempos, com a explosão de um reator na União Soviética, próximo à Ucrânia, em 26 de abril de 1986, um ano após o Brasil ter reconquistado a democracia. Sou honesto, admito que perdi a noção do tempo. Aliás, todos perdemos. Chernobil devastada faz hoje parte do chamado Turismo do Terror e do Mórvido, há caravanas e caravanas se deliciando com lugares devastados pela radiação, terremotos, tsunamis ou pela extrema crueldade humana, como os campos de concentração ou regiões devastadas pelo Estado Islâmico e os países que sofrem fome extrema na África.

*Criando um pacote de bondades, o presidente atual deu um indulto (imediatamente rotulado de insulto pelos íntegros, que ainda sobrevivem) de Natal, colocando nas ruas centenas de corruptos que já saíram do país legalmente. O presidente recebeu milhares de garrafas do vinho Petrus, cujo preço de mercado hoje é de 42 mil reais, ou seja, 10 mil dólares a unidade. Distribuiu aos Astutos e garantiu a cumplicidade.*

\*

O celular toca no carro. Andreato chama Felipe:

## **Ao pisar na rua, posso ser morto**

- No seu lugar, eu sumia. Vazava rápido.
- O que há?
- Desligou o WhatsApp? Porrada de mensagens. Estão te pegando no pé.
- A mim?
- Corre uma história de que localizaram o criador da campanha Vada a Bordo e do vídeo da Nova Ordem Política Para Eleger Presidentes. Os dois têm sua digital. E tome pau! Te chamam de comunista, de homofóbico, gay, filhodaputa, ateu, filho de satanás, machista, defensor dos negros, amante das sapatas, trans. Te acusam de pertencer ao grupo d’Eles, de ser

golpista, social-democrata, da banda da bala e da bíblia, racista, antissemita. Proclamam que você apoia o aborto, quer a volta da ditadura militar. Garantem que você é blasfemo, iconoclasta, destruidor da religião, renega a Deus. Te acusam, acima de tudo, de querer a liberdade de expressão!

— Tudo isso? Sou o demônio, o satanás, a Besta, o anticristo, o bicho ruim.

— Querem te matar. E matam. Não fisicamente, te arruinam.

— Caralho! O que faço?

— Não se exponha.

— Nem me lembrava mais daqueles vídeos. Têm quantos anos?

— Eu que sei? Alguém sabe em que ano estamos? Tudo corre tão depressa! Só sei que voltaram, alguém postou... Bilhões de acessos em uma semana só...

— Não tenho mais os vídeos. Você tem?

— Nem eu! Só que sei como resgatar. Você era bom. Daí a inveja que provocava, conseguindo tantos patrocínios. Só havia uma dúvida. Para quem você trabalhava?

— Era bom? Não sou mais? Trabalhava para mim, andava puto com tudo.

— Você sempre se achou! Acertava na mosca. Fazia de tal modo que os filhodaputas nem percebiam a ironia, a ferocidade. Era o campeão anônimo das redes.

— O Brasil perdeu o humor, esqueceu a zombaria. Me diz. Você consegue os vídeos?

— Vou fazer o possível. Um incêndio destruiu o prédio do Depdoc, Departamento de Documentação. Apesar de não terem créditos, alguém descobriu quem realizou. Te admiro e te acho filhodaputa. Uma coisa admito. Você não ficou rico, teve muito,

gastou tudo, levou a vida.

— Há algum tempo, muita gente passou a me achar filhodaputa. Tem como me tirar das redes por um tempo?

— Não tivesse, não seria o melhor hacker do Brasil, estou conectado com o mundo. Ouça, vê se desaparece por uns tempos. Fecha tudo, apague.

— E a tornozeleira?

— Dou um jeito, anulo o sinal. Nem sabe quanto ganho fazendo isso para Astutos e empresários. No fundo, cara, tanta vigilância é fajuta, eles vão atrás de quem querem, odeiam. Agora, quer saber de uma coisa? O que corre? É que a maior parte dessas porras de tornozeleiras não funcionam há anos. Vivem desligadas, o efeito é psicológico. Espere! Esses sinos? Onde está?

— Esperando os comboios fedorentos passarem. Estou na porra de um sinal fechado. Me atraso e Clara me espera. Vou almoçar com ela. Me ligou. Disse que acabou, nosso relacionamento terminou.

— Me esqueci, caceeeeeta! Ela está puuuuuta da vida! Ligou cinquenta vezes, perguntando por você. Até que te aguentou muito, não acha? Que mulher você está perdendo. O que tinha de homem legal atrás dela.

— Se ela ligar, diga que estou indo. Que me espere, pense bem no que está decidindo. Confirme que meu celular ficou sem bateria.

— Celular sem bateria? Por que não usa os chips implantados no pulso? Você está ficando arcaico, amigo. Celular portátil você pode carregar em qualquer poste, bar, lixeira, caçamba de entulho, no cu de qualquer pessoa. Tudo tem tomada, Felipe. Até os sapatos vêm com bateria na sola para carregar celular,

tablets, o que for de device. Você está doido.

— Tchau! Se estiver vivo, te encontro à tarde.

— Se estiver vivo?

— Posso morrer na esquina. Ao sair do restaurante, no cruzamento, ao entrar no meu prédio. Uma faca, uma flechada de um desembargador. Nenhuma pessoa sabe se continua viva no minuto seguinte.

— Você não está bem, amigo.

— Não aguento mais. Por isso nunca comprei uma arma. Se tiver uma, o cara encosta, atiro.

— Não é diferente de ninguém. Todo mundo no limite.

Os trens passam, vem o silêncio. Permanece o fedor, longo. Tristeza e desalento. Não aguento mais. Fazer o quê? Não tenho para onde ir. Pensar que basta terem descoberto que estive por trás de gravações que viralizaram como loucas, vistas e compartilhadas por milhões, traduzidas e vistas em 81 países, e sou colocado no índice d'Eles. E isolado, escorraçado, metido na lista negra.



*Acabou o bronze de todas estátuas, lápides, placas, portinholas de mausoléus em todos os cemitérios do país. Roubado por grupos especializados.*

\*

Sucessivas câmeras mostram o carro de Felipe atravessando sinais vermelhos, ultrapassando velocidades permitidas, chegando ao restaurante, Clara na mesa junto à janela.

## **Viver uma solidão que vai e vem**

— Ficou louco? Quase matou o manobrista.

— Por causa do meu atraso. Peguei duas caravanas de mortos.

— Daí esse fedor na sua roupa?

Clara tapou o nariz, enojada.

— Podia ter me ligado, tomado banho, se trocado.

— Ir até em casa me atrasaria mais. Você ficaria puta.

— Puta? Mais do que puta. Puutíííííssimaaaaa! E deprimida pra caralho! Tomei uma garrafa de vinho enquanto esperava. Mas tomaria dez e esperaria o dia inteiro para dizer o que vou dizer! Esperaria uma semana, um ano, a vida. Achei que nem viesse. Com você nunca sei nada.

— Por isso a porrada de mensagens no meu celular?

Clara pediu outro Chablis gelado, seu preferido. Sufocada pela dor, desabou.

— Terminou! Entendeu? De uma vez por todas!

— O que terminou?

— É nosso último encontro.

Felipe estendeu a mão, Clara afastou a dela. Mas gostaria de ter deixado.

— Ouviu? Acabou, fim.

— Terminou? Entre nós?

— Não, entre mim e o papa. Eu e aquele gari venezuelano, ou haitiano, que limpa a rua ali. Eu e aquele cachorro cagando na calçada. Saaaaco! Terminou entre nós. Quem mais? Está chapado?

— De repente?

— Quem disse?

— Marcou o encontro para isso? O que fez?

— O que não fez. Esta noite me virei na cama, coloquei a mão no travesseiro, você não estava. Como sempre. Imaginava acordar ao seu lado. Não estava no apartamento, foi embora sem dizer nada e deixou a porta aberta. Fazia frio, muito frio. Sentei-me na sala, enrolada numa coberta e decidi: fim. Quantas vezes mais teria de aguentar? Não saber o que você quer, quem é? Estar com você é viver uma solidão que vem e vai. Vai e vem.

— Não pode terminar assim uma história de seis anos.

— Que história? Seis? Oito, oito... oiííííítooo! Se não for nove...

— Nosso namoro.

— Namoro? Nove anos e ainda é namoro? Só faltou dizer paquera.

— Nosso caso.

— Caso? Você é odioso... Gagá...

— Velho? Sou um velho para você?

— Você me usou, sempre. Não passei de uma amante que você aproveitava quando era conveniente. Uma bocetinha boa. E sou mesmo. Você não dava conta. Acabou.

— Por que a maldade? É um casamento.

— Casamento? Ou uma união estável desestabilizada?

— Não acabou. Você não pode me deixar.

— Posso, é o único jeito. Você vive em um mundo de fantasia. Felipe treme, pede um dry martini. Clara tranquila, seus olhos fuzilam.

— Olhe para mim, Felipe.

— Não quero ouvir. É um sonho. Estou dentro do seu sonho, não acordei.

— Lá vem você com essa história de invadir meus sonhos. Põe o pé na terra.

— Estou ouvindo.

— Só que não está entendendo. Terminou.

— De uma hora para outra?

— De uma hora para outra? Não percebeu? Os homens precisam tudo dito, escrito, assinado. Não entendem sutilezas. Não percebem variações do olhar, da pele, cheiros, tremores pelo corpo, marcas visíveis. Não sentem a diferença nos toques, os lábios tremendo, a respiração, a bocetinha seca?

— Dê o motivo, tem de haver um motivo.

— Não grite, estamos no restaurante!

— Foda-se o restaurante, quero uma explicação.

— Olhe as câmeras.

— Fodam-se as câmeras. E nossos projetos?

— Projetos? Nunca houve nenhum.

Ela sente a cólera subir, ele se repete. É o jogo dele, repetir tudo, como se nunca entendesse.

— Como queria que terminasse? Podia ter mandado um e-mail. Ou um WhatsApp, é cômodo. Terminar pelo Twitter. Pelo Instagram. Os homens preferem mensagens a distância. Para não olhar cara a cara.

Quando usa o sarcasmo, ela desmonta. Felipe, pregado na cadeira, toma o dry martini de um gole, pede mais dois.

— Você é dura! Qualquer pessoa normal precisa saber por que está sendo chutada.

Clara toma um gole de vinho. Os olhos em chispas.

— E você se acha normal? Por quê? Por todos os finais de semana, feriados, sei lá mais, em que me deixou sozinha, olhando o telefone, sacudindo o celular para ver se não estava quebrado. Desesperada, imaginando que a bateria estava descarregada. Esperando e comendo sozinha uma pizza fria, um sushi sem gosto no fim da noite. Eu ligava, dava caixa.

— Não vem não! Foi um ou outro fim de semana.

— Um ou outro? Sua calculadora está fodida. Como tua cabeça. Sem falar nas ânsias, depressões, inseguranças, euforias. Montanhas-russas gigantes que aguentei. Te amava.

— Se isso aconteceu, foi uma vez, duas.

— Por prometer tanto e não cumprir nada! Mas o pior foi ter usado naquela campanha todos os meus textos. As cartas e bilhetes que te mandei por computador durante anos. Uma campanha brilhante premiada pela originalidade. Não tive nenhum crédito. Mau-caráter. Não te matei porque Marina me segurou. Entrei em depressão, você nem soube.

— Admito. Foi sacanagem. Mau-caráter, confesso, me envergonhei. Vacilei, exagerei, foi necessidade, desespero. Nada me vinha à cabeça. Nem sabe como me odiei.

— Sei, tem esses brancos. Convenientes. É? Se odiou? Mas

passou logo. Se odiou... Como acreditar? Muitas vezes Marina me disse que você é bipolar. Ela até viu uma palavra esquisita em um filme, parasomnia...

— Parasomnia? Isso é bom, ruim, o quê?

— Para mim, você é um fingido. Vá se tratar. Tive de aguentar tudo, sempre. Faz tempo que não acerta uma, vem fechando portas.

— Lembra-se? Quis te repassar o que ganhei. Tudo, tudo.

— O dinheiro resolvia? Porra, não era dinheiro! Chorei semanas. Você simplesmente viajou. E a barra que aguentei quando sua mulher morreu?

— Foi triste para ela. Viu-se esvaziada em cirurgias que a mutilaram. Arrancaram tudo de dentro dela, pedaço a pedaço, órgão a órgão, metástases por toda a parte.

— Não pense que vou chorar... Nem uma lágrima. Ouvi isso mil vezes... Achei que, depois daquela morte, você viria para mim. Preparei-me para aguentar a barra, te dar força. Você não veio, me cozinhou em banho-maria, foi embora, numa longa viagem.

— Estava confuso, vivermos juntos seria um caos.

— Quer saber? Te odeio.

Felipe toma o segundo dry martini. Pede outro, gosta de imitar Ernest Hemingway, na resistência ao álcool, nas atitudes, no tamanho.

— Não pode ser! Essa conversa não existe. Você não está bem. Vamos ter outro encontro com você mais calma.

— Nunca estive melhor. Sinto-me aliviada. Uma coisa, mesmo com dor, está resolvida. Você. Faltavam duas decisões.

— Sou uma. E a outra?

— Deixar a agência, me demitir, antes que me demitam. Ter

esse prazer de dizer não, apesar de saber que nunca mais vou ter emprego. Sair com dignidade, o que não existe mais nesta terra. Quero tirar um ano sabático, cansei de viver com a angústia me sufocando a garganta.

— Ano sabático, meu amor? Neste país os anos estão se tornando vidas sabáticas.

— Não me chame de amor. Nunca mais! Me enchi da agência, tive um colapso. Este semestre foram 27 demissões. Estou cansada da insegurança, do medo a cada minuto de ser chamada ao RH. Exausta, meu corpo dói quando entro no trabalho. Todo mundo tem alergia, não se sabe a que, olhos inflamados, dor de estômago, uma merda qualquer. Está no ar. Receio me roubarem, já me levaram a bolsa no restaurante cinco vezes, clonaram meu cartão de crédito. Uma foto nua que te mandei, depois de uma linda trepada, acabou na internet...

— Me hackearam. Fui salvo pelo Andreato, que apagou tudo.

— Confia naquele cara? É um calhorda igual a todo mundo. Não está fácil. Estou explodindo.

— Você vai chorar, explodir, se deprimir. Depois tudo volta ao normal. Vou te dar um tempo.

— Você me dar um tempo? Vá a puta que opariu, Felipe!

— Acalme-se, Clara. Assim não dá!

— Um dos problemas é que tudo sempre foi do seu jeito. Você pulou de uma revista para outra, de uma agência para outra, fazendo roteiros de comerciais nunca filmados, propondo séries...

— Que nunca conseguiam patrocínio, foram fechando tudo ao meu redor. Fecharam todos os canais para a cultura.

— Não entendi quando topou ser Comunicador Aconselhante – lá atrás conhecido como marqueteiro – de alguns Astutos. Até

a sigla era ruim. Imagine, a pior das profissões, tudo farinha do mesmo saco. Se vendendo a um, hoje, amanhã a outro, oposto. Felipe, você não era aquilo!

— E como viver?

— Te aguentei quando você estava bem mal, sabia que estava sendo pago para mentir, enganar, chantagear, dizer aquele monte de cafajestadas, sacanagens. Foi uma enorme decepção, Felipe.

— Tinha chegado ao fundo, precisava ficar de pé.

— De pé? Ou de joelhos? Mas houve um momento em que você acertou. Foi uma glória, te admirei. Naquele vídeo sobre os milhares de presidentes, que ficou célebre, mostrou a verdade. Foi dos poucos. Os bons te reconheceram, você estava do lado certo. A coisa mais política, no bom sentido, você desmascarou a engrenagem que enrolou o povo por décadas e décadas, anestesiando. Aquilo foi o lado certo.

— E o que era o lado certo?

— Aqueles vídeos e memes foram seguidos por milhões. Milhões. Você ficou famoso. O célebre da internet. Desmontou os caras. Ninguém tinha conseguido contar o processo. Ninguém sabia como funcionavam as coisas, apenas admiravam como eram feitas, by the book. Foi do cacete. Aquele vídeo sumiu, desapareceram com ele. E sua cópia? Esse foi o mistério. Você devia ter uma cópia. Nunca mais apareceu... E pensar que curtiram até nos sacanas dos organismos internacionais...

— Vídeo que me fodeu.

— A melhor coisa que você fez. Me deu orgulho.

— Me fechou todas as portas.

— Você acreditava, jogou tudo, foi elogiado.

— E fiquei na mira, perdi patrocínios, comerciais. Eles dizem

que sou do Eles. E os Eles me acusam de ser um dos Nós. Fui perdendo clientes, amigos se afastaram, essa política distanciou, dividiu, polarizou todo mundo. Recebo ameaças, me acusaram de ter liderado nas redes a questão do FORA, GOLPISTA. Você também esfriou comigo.

— Retire-se? Lembra o slogan que usou? Não foi original, era coisa lá do comandante italiano, tantos anos atrás. *Vada a bordo, cazzo!* Obra-prima. Não havia passeata sem ele. Hilário. Golpe de mestre! Você foi se afastando, pensei que ia aguentar o tranco, tinha feito por idealismo, mas o idealismo era uma casca... Foi carreirismo, engano...

— Pare, Clara. Não é nada disso. Estamos jogando conversa fora... Espere, burrice minha, sei tudo. Como sou tapado.

— Sabe o quê?

— Esse fora que está me dando. Você tem outro! Tem outro!

— Outro? O que pensa que sou? Que saio por aí dando? É isso ser um homem? Pensar assim?

— Claro que tem outro.

— Não grite, olhe as câmeras... Outro? Todo homem quando leva o pé pensa no outro. É a primeira coisa. Não tem ninguém. Ontem, no começo da noite, me bateu um vazio. Tudo foi varrido de dentro de mim.

— Fui varrido?

— Foi o primeiro, abriu a comporta. Você bloqueava o caminho. Depois, não sobrou nem um pinga. Até o volume morto foi esgotado.

— Vamos dar um tempo!

— Dar um tempo? Agora sim. Está doido, coisa muito velha. Apodreceu. Só falta falar em amizade colorida. Dar um tempo?

— Ou é melhor discutir a relação?



Ela deu uma gargalhada.

— Discutir a relação? Melhor dar um tiro na cabeça. Eu disse, te odeio! Discutir a relação? Ficou fora de si? Aliás, está todo mundo fora de si, todo mundo contra todo mundo, pessoas se matando, polícia matando. Dá medo andar na rua, olhar para uma pessoa. Cada dia mais tenho vontade de sumir. Talvez vá para Morgado.

— Morgado? Aquele cu de mundo? E acha que vou com você?

— Pelo amor de Deus! Você acabou de sair de minha vida.

Ainda não entendeu?

Felipe levantou-se, tremia:

— Não houve nenhum momento bom entre nós dois? Nada, nada? Não existe uma imagem, um passeio, qualquer coisa que tenha sido boa e afetuosa?

— Há uma lembrança especial. Aquela viagem que fizemos à Islândia, naquele frio filhodaputa, em que fomos fazer snowboard nas geleiras, nos glaciais. Uma coisa mágica. Éramos dois loucos, topávamos cada uma. Lembro-me de você no alto, empurrado por um vento geladíssimo, eu com um medo terrível, pavoroso. Ao mesmo tempo fascinada, apaixonada. Você me fazia rir. Foi um puta momento, de aventura, nós dois arriscando a vida, naquele gelo, país mais louco, momento mais louco, aquele era você, transgressor, tentando tudo, levado pelas minhas loucuras. Você gostava de minhas doideiras, como dizia. Saímos dali enregelados e, no quarto do hotel, com o aquecedor a toda, morríamos de calor, suávamos, transando, e ríamos. Como ríamos... Depois, você secou...

Clara tinha lágrimas nos olhos. Felipe estendeu a mão em direção ao rosto dela, como que desejando tocar as lágrimas, ela jogou a cabeça para trás:

- Não me venha, te conheço.
- Não podemos continuar a ser amigos?
- Nem pensar!
- É ódio o que sente por mim?
- Sentisse ódio, seria um sentimento. Sabe o que me tornei?

Uma bomba! Pronta a estourar. Você montou essa bomba, grão a grão de pólvora, milhares de chumbinhos. Explodi junto com você. Nossos estilhaços estão misturados.

Clara levantou-se, deu dois passos, voltou-se:

- 4 <sup>3</sup>/<sub>4</sub> de beijos para você.
- O quê?
- Dois milionésimos de um beijo para você. É o que merece.

Deu uma gargalhada sarcástica e sumiu. Aturdido, ele se perguntou o que ela queria dizer. Sabia, mas o sentido lhe escapava. Ele rodou entre os dedos a rolha número 021 284 79 de um Chablis. Ia mostrar a ela, talvez se lembrasse do L'Epicurien, na Provença, ia se comover. Havia uma canção. “Venha, baby, acenda meu fogo/ Venha, baby, acenda meu fogo”. De quem, de quem? Fazer o que agora? Beber? Sair? Andar sem rumo? Tivesse coragem de se drogar. Coisa do passado. Sem vontade de chorar. O nada era isso. A cabeça mexida. Colocar o pé no chão. Em que chão? No desse país? Que país? Tudo parecia estar perdendo o significado.

A televisão do restaurante noticiava que em Copacabana, avenida abandonada no Rio de Janeiro, um homem saiu esfaqueando, feriu 32 pessoas. Reclamações cada vez mais constantes vêm de vários pontos, alertando para um estranho e sutil cheiro de gás no ar, cuja procedência não se sabe. Deixa as pessoas lentas. Atribui-se aos esgotos que explodem. Como não há mais Ministério da Saúde, as denúncias caem no vazio. Uma

engenheira que levava o pai para ser operado foi assassinada por ladrões em um cruzamento. Uma grávida foi morta, seu ventre aberto com gilete e o bebê roubado. Balas perdidas já mataram 47 pessoas em uma semana. Jovens grã-finos continuam a apostar quem estoura mais champanhes de 2 mil dólares nas praias exclusivas de ricos em Santa Catarina.

Ao se levantar, Felipe sentiu tontura, apoiou-se na mesa. O garçom se aproximou.

— O senhor está bem?

Disse que sim, respirou fundo, o garçom estendeu um copo de água gelada. Foi acompanhado até o carro.

— Como vim parar aqui? Onde estou?

Meia hora depois partiu.

*Andreato enviou para Felipe esta gravação, encomendada pelo antigo senador, hoje Astuto, que renunciou e pretendia usá-la, não se sabe como. No entanto, jamais foi vista, comentada, compartilhada. O Astuto teria recebido uma mensagem de Altivo Ferraz, a quem se atribui tudo, e teria se refugiado em uma cidade que se chama Votuporanga, cidade das brisas. Mas boas pessoas já o expulsaram de lá. O senador deixou o cargo, temeroso de sumirem com ele. Estava agora com doze centímetros de altura, tamanho de uma boneca, e vivia aterrorizado, queria recuperar seus antigos um metro e setenta e seis.*

## **Tigela dourada cheia de escorpiões**

Garantiu o renunciante:

— Há uma história, que os aliados do poder procuram esquecer e sepultar, acusando de fake news, fábula, anedota, dizem mesmo que é metáfora (o que apenas três Astutos na casa sabem o que é), datando ainda da época das prisões e delações da famosa e extinta Lava Jato, série de processos que desmascararam a política corrupta de negociatas e transações ilegais, ainda que permitidas por larga época, cuja sangria foi estancada, abrindo caminho para os atuais governos do país. A verdade é que eu, um dos únicos três daquela casa da lei que

sabem ler, escrever e assinar o nome, subi à tribuna para renunciar ao mandato e me despedir, enojado com os esquemas praticados dentro daquela casa, ainda em Brasília, na época segunda capital do país. Não estamos contando aqui com Salvador, que se manteve como capital entre 1549 e 1763. Assim, Tomé de Sousa foi o primeiro governador-geral do país, sob ordens do rei de Portugal. Depois veio o Rio de Janeiro. Fui à tribuna para dizer que me despedia, porque via aquela cidade assim como o geógrafo árabe Al-Muqaddasi tinha definido a cidade de Jerusalém, em sua época: “Ela é para mim uma tigela dourada cheia de escorpiões”. Tomei dele o refrão e anunciei: Brasília, uma tigela cheia de escorpiões. Tumulto, revolta, insultos, agressões. Levado à Justiça por todos os Astutos, em centenas de processos individuais, fui obrigado a revelar quem era o geógrafo árabe, queriam saber onde morava, o e-mail e o CPF, o Facebook, o WhatsApp. O homem foi imediatamente vilipendiado pelas redes sociais. Pediu-se a sua extradição, deveria ser mandado de volta a Jerusalém. Foi então que, levado ao Porão do Palácio, delatei ou revelei que *يوسف دوقلما نيديلا سمش دمحم اب دمحم*, em árabe, ou Muhammad ibn Ahmad Shams al-Din al-Muqaddasi, em português, também conhecido como Al-Maqdisi, tinha vivido entre 945-46 e 1000. Foi um notável geógrafo árabe e dos mais influentes cientistas sociais do mundo islâmico de sua época. Sua obra máxima é *Ahsan at-Taqasim fi Ma'rifat il-Aqalim*. Sorriram amarelo e me proibiram de contar isso à imprensa.

*Há muitos anos nosso país vive tentando compreender a frase dita por um Astuto habilíssimo, chamado o Maquiavel deste novo milênio, há muito falecido, cujos atos polêmicos, contraditórios, definidos como obscenos pelos bons analistas, assombravam a população. Talvez hoje, com todo equipamento tecnológico existente – usam-se até múmias pré-históricas como provas em julgamentos – possa se compreender e esclarecer o espanto que atormenta gerações. A frase misteriosa é: “É muito importante continuarmos assim, deixarmos como está”. Foi dita na linguagem cuneiforme.*

\*

Hackeando, Andreato penetra nas câmeras e no computador de um interrogatório em delegacia da periferia, grava e envia para Felipe:

## **Provocam desejo, depois reclamam**

Autoridade sexagenária interroga jovem de dezesseis anos que acaba de ser estuprada.

- Onde se deu a ocorrência?
- Ocorrência? O que que é isso?
- Onde aconteceu o suposto estupro que a senhorita está

querendo denunciar?

— Suposto? Não. O sujeito me pegou mesmo num terreno na esquina de casa e abriu as minhas pernas à força, me machucou toda.

— A declarante nada provou, portanto é suposto. Nesse terreno havia luz?

— Por acaso tem luz na periferia?

— Está me desacatando? Eu é que estou interrogando, a senhorita limite-se a responder. Tem luz?

— Não, não tem luz no bairro inteiro. Quebram todas as lâmpadas dos postes.

— E o que a senhorita fazia num terreno sem luz? Provocava, certamente.

— Tinha de passar por ali, ia ao encontro de minha irmã. Íamos a uma balada.

— Balada, é? Entendi. Sei a balada que você procura. E usava essa roupa?

— Sim.

— Anote, escrivão, que a ré, uma negrinha, até me parece sapata, usa uma saia mínima, exhibe pernas, grossas e sensuais, com tatuagem, sim, com tatuagem, leva uma blusinha que deixa a barriga exposta, e saltos altos. Provoca. Atiça os homens, depois reclama.

Escrivão intervém:

— Ela não é ré, meritíssimo, veio denunciar, é denunciante.

— Escreva como determino. Não conteste uma autoridade de minha lavra ou será denunciado à corregedoria por essa falta. Ela é ré.

Jovem entende e questiona:

— Sou a culpada? Fui agredida, violentada, e sou culpada?

— Quem provoca é. Olhe a sua maneira de se vestir. Sem recato. Você atraiu o estuprador, aguçou o desejo sexual, incitou ao crime. E o pobre homem é que tem a culpa? Você quis ser violentada. Não tem moral, não tem educação, não tem nada, é perdida, pervertida, rameirinha vagabunda.

— O que é rameirinha?

— É puta! Sua sem-vergonha. Carcereiro, leve essa prostituta, rameira, meretriz, marafona, para o xadrez. Algeme. Sem-vergonha, o que pensa, menina? Provoca e quer fugir?

Carcereiro:

— Vou comer essa putinha lá embaixo!



# **EM FESTA DE RATO NÃO SOBRA QUEIJO**

Faixa monumental erguida em frente à Câmara Alta, a dos soberbos, na capital, o ano me escapa.

*Jovens negros, mulheres e moradores da periferia têm 73% a mais de chances de serem assassinados e estuprados.*

\*

Câmeras copiam os vídeos restaurados no estúdio de Andreato, hacker que resolve tudo. Como se sabe, hoje cada um tem seu hacker privado, assim como entre os anos 1950 e 1970 havia o contrabandista de uísque escocês; o traficante que marcava entregas em pontos diferentes e longínquos; o fornecedor de LSD; o cirurgião plástico que restaurava hímens; a cafetina que agenciava meninas de colégios ou mulheres de programa, sócias de atrizes famosas, para executivos, empresários, hoje CEOs, banqueiros. Em décadas posteriores vieram o doleiro particular; o traficante de drogas delivery; o negociador de delações – o que fiz de errado e o que fui obrigado a fazer? –, o entregador de propinas em caixas de sapatos, malas e principalmente em mochilas; o lobista secreto; o assassino de aluguel.

## **Enigma jamais solucionado da humanidade**

— Felipe, te cuida, não facilita. Aquelos vídeos estão

bombando.

— Obras-primas.

— Para quem? Para os de cá, os Nós? E os Eles? Esqueceu? Acha que gostaram de terem sido expostos? Querem te comer o rabo.

— Só mostrei o que acontece.

— Quem quer saber do que acontece? Ou saia metendo o pau em tudo ou envie postagens estúpidas com cachorrinhos, pratos caros, animais de estimação, tendências de moda, frescuras, bocetas depiladas. Acorda, amigo. A qualquer momento, batem na sua porta.

— A Federal?

— A Federal, o CSI, o FBI, a Polinter, a Interpol, Scotland Yard, a KGB, a Stasi, Marlowe, Poirot, o inspetor Maigret...

— KGB? Stasi? Isso é passado, coisas que acabaram. Só historiadores lembram.

— Tudo que a gente pensa que acabou renasce, fica congelado na história. Olha a censura, o medo, as patrulhas, a inquisição!

— Inquisição?

— Espere só para ver a força dessas igrejas novas, o dinheiro que movimentam. Preste atenção nos tais Movimentos de Rua Pelo Brasil Democrático Avançando. Olha em volta! Ataques a exposições, filmes, teatro, homofobia, exorcismos pela televisão, o medo de Satanás...

— Os vídeos! Você consegue?

— Tudo se recupera no mundo tecnológico. Até um peido que você deu na infância vem com cheiro.

— Será que recupero o amor de Clara?

— Tira da cabeça! Marina, aquela amiga da qual ela não se desgruda, me disse que Clara nem pode ouvir teu nome.

— Os vídeos.

— Vai dar trabalho. Estão em algum arquivo nas nuvens. Sabe como sumiram? Veja só, as coisas somem quando interessam a Eles. Fui hackeado. Não é irônico? Um hacker hackeado!

— Vai conseguir ou não?

— Só quero lembrar, Felipe, que é foda. São centenas de papéis, o lobby dos cartórios é eterno, um país que não se move, medieval. Pedem até carimbos, imagine. Carimbos no final deste século. Vou apelar para a Lei de Translucidez, antiga da Transparência. Funcionários públicos demoram, há níveis variados de propinas. Vai ouvindo o velho Luiz Gonzaga, “O último pau de arara”: “A vida aqui só é ruim/ Quando não chove no chão/ Mas se chover dá de tudo/ Fartura tem de montão/ Tomara que chova logo/ Tomara, meu deus, tomara.”

Quatro horas depois:

— Consegui.

— Demorou pra caralho!

— A gravação é ruim, estragou nas transcrições. A tecnologia de ponta em nosso país é a pior do mundo, cara. Lenta, sujeita a qualquer tipo de hacker, como eu. A gravação é defeituosa, faltam palavras, cenas. O texto, pelo que se sabe, foi traduzido para não sei quantas línguas, do inglês ao quíchua, sindi, decani, panjabi, cearês, akan, curdo, e para as gírias de todas as favelas nacionais – mais de 20 mil, contando apenas as de grande porte, com mais de 100 mil habitantes... Olha aí! Já mandei.

Felipe abriu o arquivo. Gravações, semiarruinadas pelo muito que foram vistas/ouvidas por advogados, procuradores, desembargadores, advogados de acusação e defesa, ministros e juízes. Informações superficiais, às vezes confusas, do mesmo

teor que as hoje chamadas Decanas Gravações Obtidas no Porão do Palácio do Governo em passado remotíssimo, que todos preferem não citar.

O narrador:

O Brasil foi catalogado entre os grandes enigmas de todos os tempos. Um desafio. Mistérios como a mente inacessível dos juízes; a existência da Atlântida; a realidade do sorriso da Mona Lisa; a vida depois da morte; as vozes gravadas no além; as duas notas dissonantes jamais percebidas na *Sinfonia número 4 – Opus 60*, de Beethoven; o cemitério das estrelas cadentes; por que neste país as pessoas importantes, gradas, com altos cargos, condenadas pela lei, nunca são levadas à prisão?; por que malas contendo milhares de reais em cédulas não são provas para a Justiça?; a bunda de um neném que despeja quando menos se espera; a queda dos cabelos dos anjos; as nevascas no deserto do Saara; o nascimento de crianças do quarto e do sétimo sexo e a verdade em torno da frase: “Duas coisas são infinitas: o universo e a estupidez humana”.

Há ainda a conclusão, que tem provocado batalhas entre intelectuais de níveis variados, foco de intensas discussões nos últimos 34 anos, e tida por muitos como um axioma: a comprovação de que 91% dos Astutos brasileiros – lembrem-se, antigamente dizia-se *políticos* – nascem despídos de valores morais, éticos e ausência de pâncreas e vasos linfáticos. Mais do que isso, não têm alma e consciência.

Consultorias históricas de renome internacional, aliadas a brasileiros de bom senso, contrataram auditores e analistas, mas eles embarcaram de volta, exaustos e perplexos, confessando que não há conclusão. Desolados, afirmaram que,

mesmo usando modernos métodos e toda a tecnologia de ponta, jamais definiram que tipo de povo o brasileiro é, como conseguiu formar uma nação, o que esse povo quer, como age e vive. São desconhecidos seus projetos e sonhos e por que mantém tanto humor, picardia, talento repentista, ironia e aceita tudo. Principalmente por que e do que vive.

Uma coisa é segura, todos vivem à espera do que vai acontecer, sabendo que nunca acontecerá. Vivem do que gostariam que acontecesse. Há cinco séculos espera-se e adia-se a transformação de estruturas populares.

Comprovou-se que, a partir de certa época, 87,5% de nossos Astutos passaram a nascer sem o DiCPF, ou aquilo que a ciência conhece como o Cortex Pré-Frontal Dorsolateral, cuja função é inibir os impulsos perigosos que nascem nas partes mais retrógradas, preconceituosas, anticivilizatórias e criminosas da mente, eliminando consciência, ética, moral, dever, fidelidade, probidade, responsabilidade, credibilidade e sociabilidade. A extinção do DiCPF foi obtida após pesquisas ordenadas pelo último Ministério da Saúde que existiu no país. Ausente o DiCPF, deu-se o surgimento da primeira classe de Astutos – sempre com maiúscula –, que efetuou a Reforma Profunda da antiga política.

Essa reforma começou com as dissidências dentro das legendas. Descontentes se retiravam, formavam um partido próprio. Ou três, quatro, sessenta. Assim que formadas, surgiam novas divergências, sob o lema: fazer política é enriquecer e ganhar cargos? Dessa maneira, os partidos foram se multiplicando como bactérias nocivas.

Foram criadas legendas e mais legendas, em tal velocidade que, em pouquíssimo tempo, havia mais de mil partidos. Então,

cada Astuto sozinho criou sua plataforma. As plataformas e propostas diferiam das antigas em dois pontos, um ponto e vírgula, quatro interrogações, dois advérbios não fóricos, seis orações substantivas em função apositiva e duas letras maiúsculas quando tudo indicava que deveriam ser minúsculas. A primeira parte determinava: os direitos do povo serão sagrados. Em seguida, vinham 666 páginas de discussão sobre o que é o povo.

Como cada facção podia indicar um candidato à Presidência da República, a possibilidade gerou a cobiça desenfreada, de maneira que, quando se viu, havia no Brasil 1.080 partidos, com seus líderes ambicionando o poder máximo.

Repassando, o Brasil teve 1.080 candidatos a presidente da República. No entanto, pode haver mais. De um momento para outro surge novo partido, novo candidato, os números flutuam. Esses dados vieram do trabalho de um grupo que se debruçou sobre a estrutura da Reforma Absoluta e Definitiva, posta em movimento um mês depois do impeachment sucessivo de 113 presidentes.

Foram anos de pesquisas, nas quais trabalharam milhares de professores em disponibilidade após a extinção do Ensino. Quando o governo desistiu de manter o Sistema Educacional, alegando que, para haver liberdade e poder formar a cidadania que leva à verdadeira democracia, cada um deve estudar como quiser, onde quiser, o que quiser, como puder, se puder, foi erguido o Monumento Comemorativo ao Fim do Ensino, no mesmo lugar onde foi construído em 1945 um moderno Ministério da Educação, hoje um destroço entre as ruínas do Rio de Janeiro.

Aliás, no Rio de Janeiro, que agora faz parte da Grande Nova

Maricá, tornado país independente, após um movimento de libertação, notam-se fatos auspiciosos. Recuperadas as praias de Copacabana, Leme, Arpoador, Ipanema e Leblon, que por anos tinham se transformado em lixões, dos quais viviam milhares de pessoas, a música voltou às noites, barzinhos são reabertos. Sabe-se que a cidade, muito bonita, belíssima, mais do que isso, maravilhosa, terra de encantos mil, foi capital do país antes de Brasília, antes de levarem o Distrito Federal para Cruzília, em seguida Uiramutã, Ponta do Seixas, Santa Vitória do Palmar até chegar à atual, Mâncio Lima.

As constantes mudanças, com consequentes gastos astronômicos, se dão por motivo de segurança, após o fracasso da tentativa de transferir a capital do país para Miami, sonho de alguns gestores. Graças ao bom senso de Portugal, a proposta de fazer de Lisboa a capital de um novo Reino Unido foi igualmente repelida por lusos bem pensantes, com medo de o vírus *Corruptela Pestifera* invadir o país e se propagar pela Europa, que ainda discute o Brexit 19.

O que se sabe é que depois de sucessivos impeachments na história do país, a classe Astuta e parte da população tomaram gosto e passaram a apoiar um impeachment atrás do outro. Para os parlamentares foi um alto negócio. A cada pedido de impeachment, o presidente acuado passava a comprar os votos, disfarçados em emendas necessárias ao desenvolvimento da nação. O impeachment tornou-se o negócio mais rendoso, com ações nas bolsas de Nova York, Frankfurt, Tóquio, Pequim, Dubai, Boliqueime.

A coisa chegou a tal ponto que se decidiu construir a Arena do Impedimento. Foi erguido luxuoso edifício para votações, com apartamentos para repouso, restaurantes, motéis, spas,



camarins para maquiadores e cabelereiros para tingir cabelos, e muitos bares e botecos, sinucas, lotéricas, cassinos, uma vez que a Arena é terra de foro privilegiado, território fora do perímetro alcançado pelas leis.

Nesse prédio, certa época, havia labirintos estreitos, pelos quais passava apenas uma pessoa. Cada Astuto seguia, ultrapassava uma catraca, entrava em uma saleta. Ali encontrava um pacote de dinheiro envolto em papel pardo, cada vez acondicionado de forma diferente. Eram os pagamentos, subornos, propinas – como se dizia – por emendas, votos, leis e projetos. Essas salas secretas tiveram inspiração naquilo que na era terciária remota ficou conhecido como o Porão do Tuiuiú, ou tuiuguaçu, ou do tuiupara, ou do tuim-de-papo-vermelho. Desconhecem-se os motivos da denominação. Os votos contra os impeachments de presidentes custavam verdadeiras fortunas aos cofres públicos, equivalentes a 12 mil malas com 6 milhões de cédulas novas da Casa da Moeda. Estas também podiam surgir misteriosamente na casa dos Astutos na calada da noite, ou em dias de nevoeiro, tempestades de areia, sol inclemente em terras ardentes, quando ninguém sai às ruas, apenas cachorros e turistas ingleses.

Com o tempo, a maior parte dos Astutos perdeu a vergonha (também só usavam carros oficiais, triblindados, vidros negros), sumiram receios e temores, o medo da opinião pública e das prisões e os pagamentos passaram a ser feitos diretamente nos caixas drive-thru das lanchonetes das multinacionais, mediante senhas especiais, cobiçadas pelos hackers.

Para conseguir governar, cada presidente eleito recebe de imediato milhares de reivindicações de verbas, doações, obséquios, contribuições, vintenas, óbolos, espórtulas,